

Quando Elas Esperam e O Último Godot: quem nos salvará?

João Vitor Nilo Thomé¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Quando Elas Esperam, dirigida por Guilherme Lohn e escrita por Dirce Waltrick do Amarante, é uma adaptação de *Esperando Godot*, de Samuel Beckett (1906-1989). Essa nova versão foi encenada na mostra “O Que Você Está Olhando”, finalização da disciplina optativa Perspectivas do Teatro Paisagem, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Dirce Waltrick do Amarante, para o curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que contou com apresentações de peças “absurdistas” de James Joyce, Gertrude Stein e o já citado Beckett.

Em *Quando Elas Esperam*, Estragon e Vladimir são, respectivamente, Cinderela e Branca de Neve, princesas dos contos de fadas, que ficaram a cargo da atuação de Rafael Gregório e Mary Clifford, respectivamente. A troca do gênero das personagens principais é comum em montagens dessa obra beckettiana. Nesse caso, a mudança se justifica pelas falas escritas por Beckett na obra original, que combinam com a personalidade das princesas das histórias infantis. Além disso, segundo a autora, “basta substituir a bota por um sapatinho de cristal para que Estragon assume outra personalidade compatível com suas falas”.

Na montagem paródica, contamos com o mesmo tema da obra original: a espera; e é isso que “movimenta” o enredo. Pode-se pensar que, por se tratar de princesas, elas esperam por um príncipe encantado que as salvará, assim como acontece nas histórias infantis. Contudo, tal como em *Esperando Godot*, questiona-se: “o que as duas esperam?” e não se obtém resposta na peça, que segue por dois atos com algumas nuances, dando a impressão que “andamos em círculos”, tal qual as personagens.

O Último Godot, de Matéi Visniec (1956 -), é uma homenagem à obra-prima de Beckett, que, segundo o autor, apresenta um realismo cruel e ensina sobre a natureza humana. A peça de 1987 narra o inusitado encontro entre Samuel Beckett e Godot, autor e personagem, criador e criação. Nessa versão contemporânea, vê-se um Godot com um olhar pessimista acerca da arte teatral: “o teatro está morto”.

O enredo, nesse sentido, se pauta nessa visão apocalíptica de Godot, que se mostra, inicialmente, revoltado por ainda estar esperando, por ter sido esquecido. Ele cobra

¹ Aluno do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

seu criador por uma “finalização” de *Esperando Godot*, na qual ele apareça; é quando o autor aceita (re)escrever que Godot pontua sua cosmovisão.

Cabe pensar que “a morte do teatro”, mencionada por Godot, relaciona-se com a descrença atual de que a arte (ou o teatro, nesse caso) tem o poder de “salvar” o mundo; ou, ainda, de que essa linguagem [teatro] esgotou-se enquanto função e meio. Essas perspectivas permeiam o presente, principalmente se pensar no desmonte sofrido pela cultura nos últimos tempos no Brasil, que, de certa forma, visou fazer-se do pensamento apocalíptico de Godot socialmente aceito, isto é, crer que a arte pouco importa.

Penso que *Quando Elas Esperam* e *O Último Godot* dialogam nesse ponto: a espera de um salvador. As obras nos colocam neste lugar de refletirmos sobre quem salvará as pessoas, ou ainda, quem salvará a arte, nos apresentando à cruel realidade da natureza humana, já debatida por Beckett em *Esperando Godot*.